

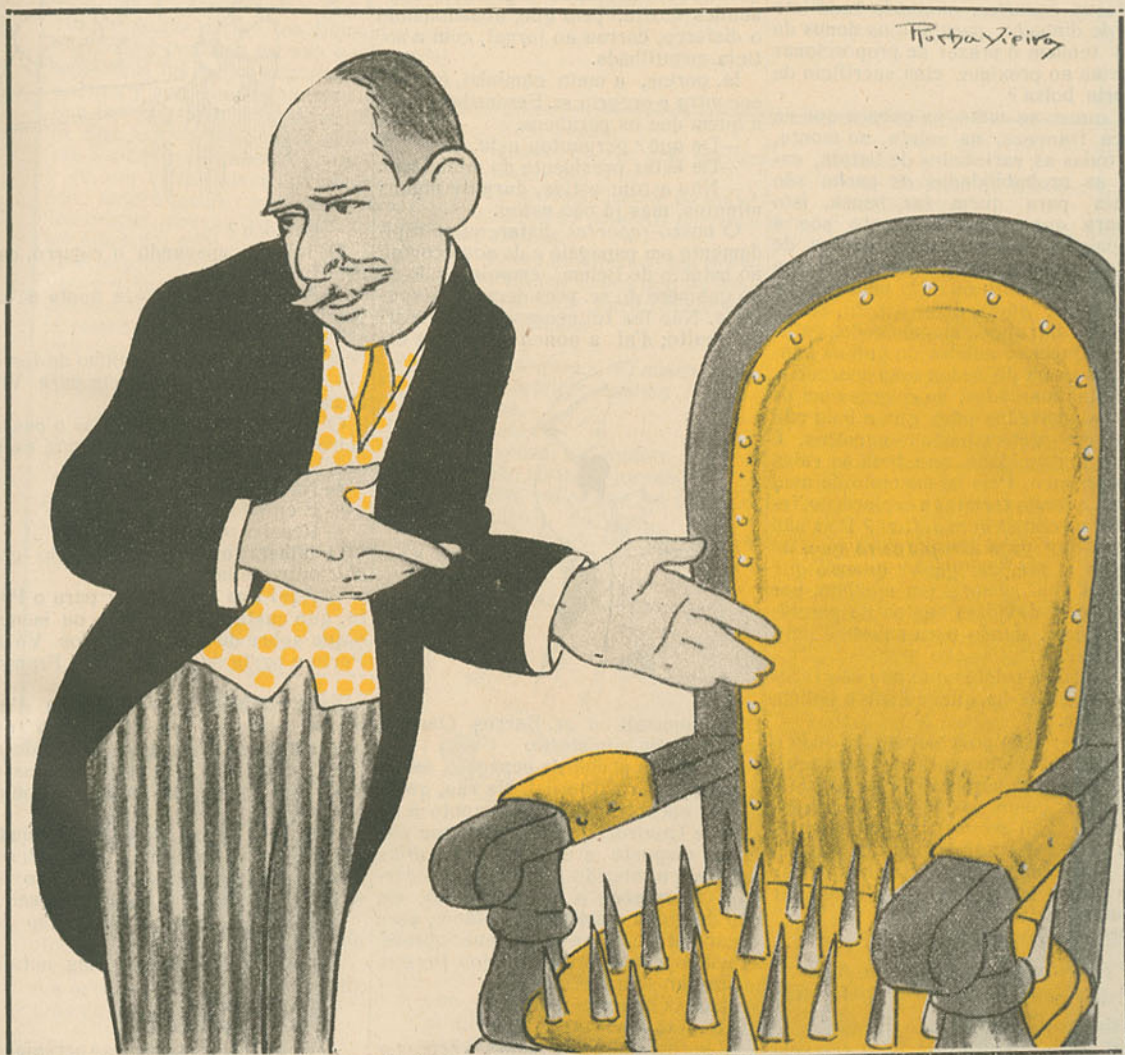


Director: AGACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

A cadeira do poder



Assento convidativo



PALESTRA AMENA

Batota

Como d'um momento para o outro nos pode tocar á campainha algum emissario do sr. presidente da Republica, a convidar-nos para ministro, aproveitemos o tempo para escrever o mais rapidamente possivel algumas considerações que nos sugere a celeuma aí levantada porque em certo club, vulgo casa de batota, os parceiros perceberam que os dados com que se jogava a banca franceza eram falsificados.

Primeiro que tudo é preciso que os ditos parceiros, e os pontos em geral, não imaginem que os banqueiros são tolos. Então supõem que se estabelecem luxuosissimas casas de tavolagem, que as frequentam as pessoas mais conspicuas da capital, as mais espaventosas *cocottes*, custando tudo isto rios de dinheiro, para que os donos da casa tenham o prazer de proporcionar alegrias ao proximo, com sacrificio da propria bolsa?

A quem se mete na cabeça que na banca franceza, na roleta, no monte, em todas as variedades de batota, enfim, as probabilidades de ganho são iguaes para quem faz banca, isto é, para quem aparentemente põe á disposição dos visitantes centos de contos e para os pontos, que nunca levam na carteira quantia parecida?

Pois que quer dizer *batota*, senão trapaça, intrujice, empalmação, gatunice? Quem se admira de que os banqueiros usem de dados com mercurio, de cartas marcadas, de roletas com os cacifos apertados para que a bola não pare em determinados numeros, é d'uma ingenuidade que toca as raizas da palermice. Pois ha exemplo de uma banca, quando termina a exploração, fechar as contas com *deficit*? Pois não sabem que para um parceiro que, de tempos a tempos, ganha quantia que se veja (ha sempre um maximo, por causa das duvidas) centos de parceiros perdem, dando para aquele e para a banca?

— Mas ha roletas que não são falsificadas, dir-se-ha, quando não a policia intervira.

Perdão: isso pode acontecer onde o jogo esteja regulamentado; mas aqui, consentindo-se n'uma exploração que a lei proíbe, como podem as autoridades intervir? E o ponto, que sabe muito bem que foi praticar um ato imoral, não permitido, como pode invocar uma intervenção, que só se pode dar em actos licitos?

Dizia o Bocage que :

*O premio da virtude é a virtude
O castigo do vicio o proprio vicio*

e dizia muito bem. Logo, o castigo de quem joga é muito bem feito que seja o perder, não só como se lhe afiguraria natural, isto é, tendo a banca mais trunfos do que o ponto, mas pelo roubo descarado, que só se differença do

ganho pseudo — licito da banca... em ser descarado.

Posto isto, senhores e senhoras, vamos lá arriscar uma corôa ao 17, porque bem pode ser que hoje estejamos com sorte.—J. Neutral.

Atribuições d'um reporter

O mais habil dos nossos *reporters* encarregou-se de dar em primeira mão, para o seu jornal, a noticia da constituição do novo ministerio para o que se serviu d'um estratagemma habilissimo: disfarçar-se em gato, penetrar no palacio de Belem e não desamparar o sr. presidente da Republica enquanto não estivesse devidamente informado.

Assim fez. Logo que o sr. Sá Cardoso pediu a demissão, começou a pôr em execução o seu plano e não lhe foi difficil obter o que queria: poucas horas depois de entrar no palacio, sabia que estava nomeado o gabinete Fernandes Costa, pelo que, abandonando o disfarce, correu ao jornal, com a noticia engatilhada.

la, porem, a meio caminho, quando encontra o proprio sr. Fernandes Costa a quem deu os parabens.

— De quê? perguntou este.

— De estar presidente do ministerio.

— Não estou; estive, durante alguns minutos, mas já não estou.

O nosso *reporter* disfarçou-se rapidamente em papagaio e de novo correu ao palacio de Belem, empoleirando-se no gabinete do sr. presidente da Republica. Não lhe foi necessario demorar-se muito; d'aí a pouco sabia que es-



tava nomeado o sr. Barros Queiroz para formar ministerio.

Largou as penas de papagaio, saiu e dirigiu-se para o jornal. Na rua, quem ha-de encontrar? Precisamente o sr. Barros Queiroz, que lhe declarou não estar disposto a aceitar o encargo, pelo que o referido *reporter* se disfarçou, n'um abrir e fechar d'olhos, em cão de goso e voltou ao palacio, para cocar noticias, que em breve obteve, sabendo que o sr. Domingos Pereira ia formar ministerio.

Mas eis que...

Etc., etc.

A' hora a que escrevemos, o *reporter* tinha recorrido a 122 disfarces e só no ultimo — disfarçado em pulga — conseguiu saber qual era o ministerio real e verdadeiro.

Trocós

Uma pessoa habitua-se a tudo, até a que não lhe dêem troco do dinheiro que entrega para pagar qualquer coisa. A principio, quando nos ficavam com as sobras, extranhávamos; depois costumámo-nos e agora quem nos dera que os inconvenientes da falta de trocos fossem apenas o ficarmos sem eles! O peor é que os lojistas e outros cavalheiros que nos recebem o dinheiro, aproveitam a ocasião para se verem livres de diversos monos que os incomodam...

N'uma camisaria. A fregueza dá cinco escudos, para pagar lenços: ha uma pequena sobra.

A fregueza:



— O troco?

O lojista, apagando o cigarro, que está fumando:

— Aqui tem v. ex.^a esta ponta de cigarro; vale o mesmo.

N'uma estação do caminho de ferro. — Faz favor d'um bilhete para Vila Franca?

O bilheteiro dá o bilhete e o passageiro dá-lhe uma nota de vinte escudos.

— Não tenho troco.

— E eu não tenho outra nota.

— Resolva como quizer.

O bilheteiro, entregando pelo *gui-chit* outro bilhete:

— Aqui tem um bilhete para o Porto, que custa, pouco mais ou menos, o que sobra dos vinte escudos. Vá ao Porto e parta de lá para Vila Franca.

Esta conta-se como anedota d'um *maestro* celebre, muito distinto (não nos lembra se o Rossini se o Calderon dos discos) mas acaba de se passar com um conhecido nosso, miope de nascença.

Descia o nosso homem o Chiado, quando foi de encontro a uma *vitrine*, da qual partiu um vidro, felizmente sem se ferir. O dono da casa, indignado:

— Tem de pagar o vidro. São dez mil réis!

O nosso amigo, dando uma nota de vinte:

— Pague-se.

— Não tenho troco.

— E' a mesma coisa. Isso arranja-se.

Deu uma bengalada no ontro vidro e continuou tranquilamente o seu caminho, tal como o celebre *maestro*, acima mencionado.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Mujer mia de mi grande consideracion:

Dispensa se te escribo estas mis expresivas expresiones en lengua de Cervantes, el ilustre cojo; es que en San Luis trabaja la compañía de Esperanza Iris y tanto me gusta la simpaticuissima muchacha, que estoy mejicano desde los dedos de los piés hasta las puntas de los cabellos. Que mujer, Santo Dios! Que mirada! que plastica! que movimientos! Ya sé yo lo bien que te menéas, esposa de mi corazon, los encantos que tienes, las formas con que la naturaleza te ha regalado, que hasta el señor cura de nuestro pueblo se muere de invidia; pero Esperanzita, no sé lo que tiene que ando chiflado yo me sale de la cabeza tanta gracia, sobretodo las perlas, los diamantes, la riquissima pedraria de sus pendientes y sortijas, los quales pagarian la deuda publica y aun quedarian mas pesetas que las que tiene el bruto de tu abuelo, que és el animal mas rico de Pêras Ruivas y cercanias.

Al leer estas palavritas tendrás celos, naturalmente; pues, hija mia, no los tengas, porque ya sabes que soy de marbol y todo lo que digo se refiere a la artista y no al ser material de carne y hueso, que es Esperanza. Despues, aun que yo quisiera traicionarte, el remordimiento me lo impediria y, razon mas fuerte que todas, la bella mejicana vive solamente para su arte y su marido, ó lo que sea, lo que explica el suceso que tiene en todas las partes, mayormente en Rio de Janeiro, adonde es querida de las señoras y de toda la sociedad elegante, és decir, genero Palmira Bastos, la siempre casta.

Adios no quiero molestarte mas. Tu marido Q. B. T. P.

*Jerolmo,**Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas.*

Grève telefónica

A' hora a que escrevemos, ainda se encontram silenciosas as meninas dos telefones, facto que tem causado o assombro de Lisboa em peso, mas que, afinal, é de explicação extremamente facil, atendendo a que é pecha das ditas meninas o conversarem pelos cotovelos umas com as outras mas tambem o fazerem ouvidos de mercador quando algum extranho se lhes dirige.

Não é, porém, esse o assunto que nos ocupa n'este momento, mas sim as suas consequencias.

Chamando um moço d'esquina:

—Pst! pst!

—Que é, patrão?

—Vais levar este recado, assim assim, a tal parte.

EM FOCO
(BARROS QUEIROZ)

*Quando surge uma crise nacional,
Das que surgem aos centos entre nós,
Logo de serra em serra corre a voz
Que é preciso salvamos Portugal.*

*Um nome, por consenso universal,
Se aponta: é o do Barros, do Queiroz,
Que é homem de honradez até feroz
E d'uma inteligencia excepcional.*

*Pois será, mas estamos n'isso a par
E para presidir á situação
Não se lembra ninguem de me apontar.*

*E que lembre! Se acaso um cidadão
Tioesse essa ousadia singular,
Matava-o — pum! — como quem mata um
cão!*

BELMIRO.

— Xim, xenhor.
— Quanto queres pelo serviço?
— Xincó mil réis!
— O' homem! isso é de mais!
— Entonces mande o patron o recado pelo tilifone.
— Estão as meninas em grêve.
— Pois por ixo é que yo llevo xincó mil réis. Num puedo hacer de mucha-cha por menos.

O Marques — o nosso engraçadissimo e inteligentissimo Marques — ao telefone.

— Está lá?
A esposa, avisando-o:
— Não leste os jornais?
— Não sabes que os telefones estão em grêve?
— Não estão tal. Os jornais estão mal informados.
— Serio?
— Serio. Quando vim para casa re-



parei nos fios telefonicos. Estão todos no seu logar — logo, não estão em grêve...

O Antunes, que nunca lê jornais, não é d'uma fidelidade conjugal por aí alem. N'uma das noites da semana passada recolheu a casa pelas 3 horas da manhã, por se ter demorado a conversar com uma senhora da sua intimidade, mas não da intimidade da esposa.

A esposa, desconfiada:

— Onde estiveste tu até estas horas?
— Em casa do Liborio, que está muito adoentado.
— Ah! Mas ele ainda hontem estava bom...
— Estava, mas teve um ataque ás 9 horas da noite.
— Como soubeste?
— Disse-m'o a mulher d'ele, pelo telefone.
A esposa, atirando-lhe com uma bota á cabeça:
— Ah! patife! As telefonistas estão em grêve ha tres dias!

Charadas

Desde que a falta de papel nos obrigou ao estado de pequenez que se está vendo, tivemos de poupar espaço — reservando-o somente para assuntos serios. Suprimimos, pois a secção charadística. Chega-nos, porém, pelo correio, uma adivinha tão graciosa, que fazemos hoje uma excepção, para gaudio dos amadores.

Ai vai ela:

*Mulher sou e tão pequena
Que quem quer meu nome faz,
Pois acabo como a sena,
E começo como um az.*

Fernando Calado Nunes.

Correspondencia

S. T. Vieira (Torres Novas). — A seu tempo será satisfeito. Ha muita gente adiante: a bicha dos pretendentes é enorme e o amigo está lá para a cauda.

Tinoco (X). — Versos serios? Sim, por excepção, publicamos d'isso, de vez em quando, mas só á força de empenhos.

SIMBOLOS

No gabinete de escultor. O visitante encarregado de vigiar o adiantamento das estatuas para a sala do Parlamento:

— Então o modelo é uma regateira?

O escultor:

— Como me encomendaram a estatua da Eloquencia...